

A Palavra de Deus no Novo Testamento

Wesley Fajardo Pereira¹

Introdução

Quando lemos o Novo Testamento encontramos apenas alguns textos que mais explicitamente afirmam ser Jesus Cristo a Palavra de Deus (Hb 1.1-2; Ap 19.11-13; Jo 1.1-14). Tal constatação poderia nos levar a pensar que não há, na maioria dos textos neotestamentários, uma identidade entre ambos. Contudo, precisamos estar atentos. Inúmeras outras afirmações bíblicas a respeito de Jesus Cristo apontam para a identidade acima referida. Logo, devemos interpretar adequadamente os textos para encontrarmos as respostas a tais questões.

Todavia, não basta constatar uma afirmação, é preciso compreender seu sentido. Nas linhas a seguir nos propomos a demonstrar não apenas a identidade entre Jesus e a Palavra de Deus, mas, sobretudo, recuperar o significado de tal afirmação no Novo Testamento e suas implicações para uma adequada interpretação em nossos dias.

De início, entendemos que é fundamental fazermos considerações sobre a Palavra de Deus no Antigo Testamento e a partir daí verificarmos se e de que modo isso nos ajuda a compreender o termo no Novo Testamento. Este será o primeiro item de nossa análise, conforme a seguir.

1. Uma Palavra encarnada: do Antigo ao Novo Testamento

É interessante notarmos em Gênesis 1 que a ação criadora de Deus se dá por meio de sua palavra: “E disse (*‘omer*) Deus: Haja luz. e houve luz” (Gên 1.3). O Salmo 33.6 confirma isso ao comentar que “Pela Palavra do Senhor (*dabar laheh*²) foram feitos os céus”. Ou seja, a Palavra que sai de Deus veio para criar, para edificar o mundo, para trazer o homem e a mulher à existência. Neste sentido, Deus, no ato da criação, fala e tudo se faz (Sl 33.9). Deus manda a sua Palavra e as coisas acontecem (Sl 147.15-19). Isso quer dizer que no Antigo Testamento há uma inseparabilidade entre a criação do mundo, do homem e da mulher e a Palavra de Deus. Esta participa intrinsecamente do ato criativo.

Além disso, constatamos que a Palavra é uma forma de manifestação de Deus. A voz do Senhor ressoa no Sinai entre os relâmpagos e estrondos (Êx 20.18) e Deus se revela falando com Moisés (Êx 19.4; 20.19; 34.1). É neste sentido que os profetas tomam a Palavra de Deus como algo impetuoso e irresistível; por meio dela Deus se manifesta e anuncia sua vontade (Jr 14; Ez 13; Mq 1). Os profetas não podem se negar a proclamar a sua Palavra (Is 6.5-9; Jr 1.6-9). A Palavra que vem às suas bocas, Palavra do Senhor, revela o anseio divino de que tudo fosse bom e justo conforme dispusera a Palavra criadora.

Se a Palavra de Deus manifesta aquilo que vem do Altíssimo, a saber, sua vontade para nossa vida, ela aparecerá no Antigo Testamento também como o próprio ensinamento de Deus. Os dez mandamentos serão as dez palavras (*debarim*) que orientam a vida do

¹ Bacharel em teologia e filosofia; com especialização em Psicologia Junguiana e Mestre em Ciências da Religião. É Presbítero da Igreja Metodista, atuando na Pastoral Universitária da UMESP.

² Para uma melhor compreensão das semelhanças e diferenças entre *dabar* e *‘amar*, expressões utilizadas para se referirem ao termo ‘Palavra’ no Antigo Testamento, várias literaturas podem ser consultadas, entre elas citamos BROWN, Colin (Ed). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vol. III. Vida Nova. São Paulo. 1983, p. 398-403 e Harris, R. Laird (org.) *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Vida Nova etc.

povo (Êx 20.1; 34.28; Dt 5.6-21, ver também o verso 22)³. A aliança entre Deus e o povo de Israel é estabelecida mediante as palavras do pacto (Êx 34.28). Logo, não é difícil concluirmos o porquê, de ser a própria Torá – os livros que contém os ensinamentos e as leis de Deus para o povo de Israel – concebida, e intercambiável, com o termo “Palavra de Deus” (Is 2.3; Mq 4.2)⁴.

Das colocações até aqui feitas podemos inferir algumas conclusões. Primeiramente, notamos que nas três formas, mencionadas acima em que a Palavra de Deus aparece (Palavra criadora, Palavra reveladora, Palavra edificante)⁵, ela demonstra uma atitude de Deus em criar e se fazer presente junto à sua criação, em especial ao homem e à mulher. Quando vê a injustiça, o Deus criador da vida vem até o mundo por meio de sua Palavra e se revela exortando o povo e as autoridades (Os 4.1; Am 4.1); quando vê o sofrimento, vem com sua Palavra para consolar o aflito, o cansado, aquele que carece de seu cuidado (Is 55.3); e quando vê a desesperança, vem para impulsionar o fiel a se manter perseverante no seu caminho justo; sua Palavra é como um escudo para todos os que nele confiam (Sl 18.30). A Palavra de Deus, no Antigo Testamento, mostra um Deus que intervém na história. Ele não fica mudo como os falsos deuses construídos por mãos humanas (Sl 115.1-7), mas fala quando é preciso. Conseqüentemente, sua Palavra não ecoa no vazio; antes, é palavra que age: ela cria, ela chama pessoas, ela exorta autoridades, ela prega a justiça, ela condena o injusto, ela exalta os pequeninos e humilhados. Enfim, a Palavra de Deus no Antigo Testamento age neste mundo, na vida das pessoas, na vida do povo: ela é uma “palavra-ação”. Deus, por meio dela, tem um desempenho histórico, busca fazer-se

mais compreensível, acessível; logo, fala a língua humana, sem, contudo, perder a soberania divina.

Outra constatação é que, embora no Antigo Testamento a Palavra possua uma característica de se fazer presente na história, em nenhum momento ela adquire uma personificação⁶. Ela até mesmo atua por meio da proclamação do homem e da mulher, mas não se confunde com o ser destes⁷. Ela não se torna encarnada. É aqui que precisamos retomar o Novo Testamento e sua interpretação da Palavra de Deus.

No Evangelho de João encontramos a seguinte afirmação: “No princípio era a Palavra⁸ (*logos*)⁹, e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus” (Jo 1.1). Esta Palavra, conforme João 1.14, “se fez carne”. Temos aqui um primeiro enunciado que explicita uma encarnação da Palavra. Ora, no Evangelho de João esta Palavra é o próprio Jesus Cristo, como podemos inferir da sequência do Evangelho. Além disso, o Prólogo de João inicia retomando a criação de Gênesis¹⁰; não há como negar a semelhança entre os dois textos. Desta forma a Palavra criadora que saiu de Deus no ato da criação, é apre-

⁶ Embora se possa fazer a relação entre Palavra e Sabedoria, parecendo, esta última, representar uma pessoa no livro deuterocanônico, *Sabedoria*. Conf. RICHARDSON, Alan. *Introdução à Teologia do Novo Testamento*. ASTE. São Paulo. 1966, p. 160.

⁷ GRABNER-HEIDER, Anton. *La Biblia y nuestra Lengua*. Herder. Barcelona. 1975, p. 37, procura aprofundar o sentido de *dabar*, demonstrando que “deveria se buscar em *dabar* o espaço posterior, o fundo último de uma coisa... nenhuma coisa é *dabar* em si, mas todas têm um *dabar*, a saber, ‘seu fundo e seu sentido’”.

⁸ A tradução de *logos* por Palavra segue o mesmo princípio salientado KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João. Amor e Fidelidade*. Comentário Bíblico do NT. Vozes/Sinodal. Petrópolis. 2000, p. 84 e 85: “Traduzimos o termo grego *logos* por ‘Palavra’, de preferência ‘Verbo’, utilizado em outras traduções. ‘Verbo’ lembra as especulações filosóficas gregas sobre o ‘Verbo divino’, mas o pano de fundo do pensamento joanino não é a filosofia grega do *Logos*, nem a teologia patrística dos séculos IV-V, desenvolvida em diálogo com o pensamento grego, mas a palavra de Deus criadora, profética e sapiencial evocada no Antigo Testamento. Deus criou por sua palavra e dirigiu sua palavra, não seu ‘verbo’, aos profetas e a nós. A Lei, especialmente os Dez Mandamentos, eram ‘palavras’ (*debarim*) de Deus. Jesus é a Palavra única.”

⁹ Para constataremos a grande relação entre *logos* no NT e *dabar* no AT ver BROWN, Colin. Op. cit., p. 398-415.

¹⁰ Conf. KONINGS, J. Op. cit., p. 84. Tb. CULMANN, Oscar. *Cristologia del Nuevo Testamento*. Col. Biblioteca de Estudos Teológicos. Methopress, Bueno Aires, 1965, p. 288-289.

³ SCHELKLE, Karl Hermann. *Palavra y Escritura*. Col. Actualidad Bíblica 20. Ediciones Fax. Madrid. 1972, p.17.

⁴ Conf. DODD, A *Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 359. Ainda segundo o autor, na pág. 360, “quando a *Torah* foi dada no Sinai, conforme uma tradição rabínica muito divulgada, a voz de Deus ressoou no mundo inteiro...”.

⁵ Lembremos a distinção feita por SCHELKLE, Op. cit., p. 16, sobre a Palavra de Deus no Antigo Testamento: Palavra da Lei, Palavra dos Profetas, Palavra da Criação.

sentada no Prólogo de João com uma personificação que estava com Deus ao mesmo tempo em que era Deus; essa pessoa será identificada com Jesus Cristo, àquele que fala do que viu junto ao Pai (Jo 8.38), por que ele e o Pai são Um (Jo 10.30). O Evangelho de João vai afirmar que a Palavra que criou no Antigo Testamento é Jesus, porque “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). Desta forma, podemos dizer que estes textos relêem o Antigo Testamento a partir de Jesus e por isso o vêem como a Palavra que era desde o início.

Além disso, os profetas que falaram no Antigo Testamento pronunciaram a Palavra de Deus, Palavra esta que aponta para Jesus (Hb 1.1-2). Ou seja, no Novo Testamento Jesus é apresentado como aquele que realiza o ápice da proclamação profética; várias vezes os textos neotestamentários salientam momentos em que Jesus fora confundido com um profeta (Mt 16.14; 21.46; Lc 7.16; 13.34; 24.19; Jo 6.14; 7.40; 9.17). Mas a Palavra não chegou aos profetas como a Jesus, já que Jesus é a própria Palavra que dá sentido a todas as outras, ela é o Cristo¹¹, pessoa em quem Paulo vê o cumprimento de todas as promessas proféticas (2Co 1.20). Isto é, Jesus é interpretado no Novo Testamento como aquele que viveu de forma mais radical e sincera aquilo que os profetas pregaram para o povo de sua época, daí ser visto como o cumpridor, aquele que encarnou as promessas, a Palavra viva.

Se por meio da Palavra no Antigo Testamento Deus interveio na história, fez-se presente de maneira ativa, participando na vida do povo, expressando sua vontade por meio de palavras humanas de maneira a ser compreendido, com maior intensidade ainda podemos ver isso em Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Deus encarnado, a Palavra que estava com Deus e se tornou carne. Nele temos o ápice da participação divina na história. O próprio Deus vem em forma humana, com os sentimentos humanos, fazer-se solidário com o homem e a mulher. A Palavra que tudo criou, que se manifestou na procla-

¹¹ SCHEKLE, K.H. Op. cit., p. 20 e 21.

mação profética, que se tornou ensinamento na Torá, agora se faz humana. É a maior demonstração de amor: fazer-se como um de nós, ou seja: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito...” para que não pereçamos (Jo 3.16). Aqui o gesto da criação se funde em grau máximo com o gesto de amor. A Palavra que criou e viu que tudo era bom, amou a sua criação de tal maneira que num gesto de amor se encarna, participando o máximo possível da criação. Aqui a Palavra não é apenas proclamada, ela vive entre nós, ela se revela plenamente, sem nunca se esgotar¹². Todavia, este revelador não aparece como um homem em geral, isto é, não apenas como um portador da natureza humana; antes, ele se torna um determinado homem histórico: Jesus de Nazaré (Jo 1.45; 7.52; Mt 13.55; Mc 6.3)¹³. Jesus não era, como alguns pregavam, apenas uma aparição ou um salvador que não teria se encarnado, bastando dele um conhecimento místico¹⁴; não, Jesus foi, de fato, um homem que viveu num determinado contexto histórico. Mas, teria Jesus sido demasiado humano para expressar a vontade divina em sua plenitude? De forma alguma. Da mesma maneira que Deus se revelou por meio das palavras humanas em situações históricas bem definidas, de modo a se tornar compreensível, agora ele se revela por meio do Filho, a Palavra encarnada, num determinado contexto histórico, sem, contudo, perder a inesgotável riqueza da sabedoria e do ser divinos.

Este é o grande paradoxo da encarnação, que causou dificuldade de compreensão desde o início. Como entender um Deus soberano, mas que se encarna, sofre e morre na cruz? O que para os cristãos revela o amor em grau máximo para outros é motivo de confusão. Paulo vai trabalhar um pouco essas dificuldades ao proclamar a Palavra da cruz. A proclamação da cruz revela um poder e uma sa-

¹² Aqui são fundamentais as observações sobre o paradoxo em Deus que se revela, mas que se mantém mistério, algo inesgotável, observações estas feitas por TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Sinodal/Paulinas. São Paulo. 1984; ver especialmente o item “Revelação e mistério”, nas páginas 96-99.

¹³ BULTMANN, Rudolf. *Theologie des Neuen Testaments*. J.C.B.Mohr. Tübingen. 1984, p. 393.

¹⁴ Doutrinas estas propagadas pelo docetismo e pelo gnosticismo.

bedoria que passa pela doação plena, em que toda soberba e orgulho são destruídos¹⁵. Numa comunidade como a de Corinto,¹⁶ onde grupos se dividem (1Co 1.11-12) e disputam o poder entre si¹⁷, certamente ocorre de cada um apelar para seu valor próprio, buscando, desta forma, demonstrar possuir o poder de Deus; mas, o “poder de Deus nunca pode tornar-se uma força secreta possuída pelo devoto ou pelo pregador”¹⁸, querendo se impor junto aos outros; para estes, a Palavra da cruz só pode ser loucura (1Co 1.18); mas, para aqueles que nada são e que se percebem insuficientes esta Palavra sacrificada na cruz diz muito. Nela fica demonstrado que não é no acúmulo de conhecimento ou de poder que se manifesta a graça de Deus, mas no exercício da caridade (1Co 8.11-13; Rm 14.15; Gl 2.20), conforme o próprio Jesus ensinara (Mt 25.31-46). É por isso que, para Paulo, nenhum dom tem sentido sem o amor; aliás, o amor é a única coisa imprescindível na vida de todo cristão e cristã (1Co 13 e 14). Isso não significa que devamos rejeitar o estudo ou a busca de um conhecimento humano, já que estes também podem levar à caridade, mas isso não acontece se estiverem ancorados apenas em suas próprias forças: há necessidade da luz divina, da inspiração que provém por meio do Espírito Santo, há necessidade de se compreender a Palavra da cruz, símbolo máximo do amor, da doação, da humildade que deve inspirar todo cristão e cristã, Palavra que apresenta a morte de Cristo como caminho para vida, símbolo presente tanto no Batismo como na Ceia¹⁹. A Palavra da cruz não é uma demonstração de um deus que se esgota com este mundo, mas, sim, de um Deus que amplia o sentido da vida humana a partir do amor.

¹⁵ CERFAUX, Lucien. *Cristo na Teologia de São Paulo*. Paulinas. São Paulo, 1977, p. 95.

¹⁶ Constatase que ocorre nas Epístolas aos Coríntios uma ênfase na cruz de Cristo. Nestas cartas a ressurreição é lida a partir da crucificação. Conf. LANG, Friedrich. *Die Briefe an die Korinther*. In: NTD Band 7. Vandenhoeck & Ruprecht. Göttingen. 1986, p. 28. Conf. tb.CERFAUX, L. Op. cit., p. 120.

¹⁷ Vale aqui citar o artigo de HOEFELMANN, Verner. Corinto: contradições e conflitos de uma comunidade urbana. In: *Estudos Bíblicos 25 – Sociologia das Comunidades Paulinas*. Vozes/Imprensa Metodista/Sinodal. 1990.

¹⁸ CONZELMANN, Hans. *An Outline of the Theology of the New Testament*. Harper & Row. New York. 1969.

¹⁹ CERFAUX, L. Op. cit., p. 98, 100, 101.

Enfim, em Jesus temos o ápice da opção de Deus pela vida, o ponto máximo da intervenção de Deus na história: é a decisão divina de mostrar o caminho do Reino de Deus nesta vida, com todas as suas ambigüidades e incertezas, possibilidade impar da manifestação de seu amor. Poderíamos dizer com o teólogo Paul Tillich que, para Jesus, “a aceitação da cruz, tanto durante sua vida como no fim da mesma, é o teste decisivo de sua unidade com Deus”²⁰.

2. Consequências da encarnação

Quando tratamos da encarnação da Palavra de Deus em Jesus Cristo, ou seja, quando declaramos a inserção definitiva de Deus na história, de maneira alguma podemos inferir disso que Deus perdeu sua transcendência. Deus nunca perde sua transcendência, sua atemporalidade, mesmo se fazendo presente no tempo. A encarnação da Palavra manifesta aquilo que desde o princípio é tentado por Deus: uma aproximação máxima entre nós e Ele. Aquele que cria todas as coisas do universo por meio de sua Palavra, que se aproxima de sua criação por meio das palavras de diversos homens e mulheres no Antigo Testamento (palavras estas que criam posturas históricas, atos concretos neste mundo). Aquele que fez tudo isso se encarna, passa a fazer parte de um determinado contexto histórico, mas não perde sua transcendência; muito pelo contrário, a sabedoria inesgotável de Deus que transcende todas as coisas deste mundo revela ainda mais sua transcendência ao manifestar a vida plena, agora envolvida corporalmente na história; é por isso que sua sabedoria parece loucura (1Co 1.20-21) e a porta torna-se estreita (Mt 7.13-14; Lc 13.24), pois é preciso ter ouvidos para ouvir e olhos para ver, é preciso ter muita sensibilidade para perceber que Deus revela seus segredos aos pequeninos (Lc 10.21), e que se solidariza com aqueles que padecem opressões neste mundo, que sofrem carências materiais e existenciais, que estão destituídos de poder, de cobiça, de orgulho, de disputas

²⁰ TILlich, P. Op. cit., p. 118.

baseadas em interesses próprios²¹ (o que hoje pode nos levar inclusive a refletir esta situação dentro da Igreja): o poder de Deus que se manifesta encarnado neste mundo é o poder do amor, da humildade soberana. O caminho de se fazer compreensível ao entendimento humano se torna máximo na encarnação. Contudo, é preciso ter discernimento para compreender a mensagem, sem esvaziar a incomensurabilidade de Deus.

Será esta historicização da transcendência que permitirá aos primeiros cristãos e cristãs relerem a mensagem de Jesus conforme as necessidades de suas comunidades, ou seja, aquilo que Cristo revelou em seu momento histórico será reinterpretado para outros momentos da vida de seus seguidores. É obvio, a mensagem de Jesus que recriou o abuso do poder por parte das autoridades de sua época, que condenou a injustiça, que consolou os abatidos, que levantou os humildes, que manifestou a essência do Reino de Deus nos primeiros anos do século I, poderia agora ser relida para outras situações de opressões semelhantes; para isso, aqueles que pregaram sua mensagem precisaram adaptar a pregação de Cristo aos novos problemas existentes em suas comunidades que não existiam no contexto histórico vivido por Jesus. Isso é que permitirá à Palavra encarnada tornar-se Palavra escrita para outros contextos, sem, contudo, perder a essência da mensagem.

3. Palavra de Deus: uma Palavra escrita.

3.1. Jesus Cristo: Palavra de Deus para seu contexto histórico

²¹ Precisamos ter claro, neste texto de Lucas, o contexto de conflito entre Jesus e as autoridades judaicas que usavam de sua pseudo-sabedoria para oprimir os mais humildes. Este texto tem uma clara relação com os pobres bem-aventurados de Lc 6,20, conf. WIEFEL, Wolfgang. *Das Evangelium nach Lukas*. Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament 3. Evangelische Verlagsanstalt. Berlin. 1987. Tal relação foi fundamental para a fé dos primeiros cristãos e cristãs leitores deste evangelho (comunidade lucana).

Como já dissemos, Jesus, a Palavra de Deus, viveu num determinado contexto histórico: a Palestina no início do primeiro século d.C. Suas mensagens dirigiram-se às pessoas daquele contexto: autoridades do Templo; mendigos; partidos político-religiosos da época; camponeses da Galiléia; samaritanos; doentes que encontrava pelos vilarejos, etc. A situação política da Palestina era especial e Jesus não deixou de atuar também nesta esfera pública²². Seu sofrimento e morte também estão relacionados aos costumes da época. Enfim, a mensagem e a vida de Jesus foram a Palavra de Deus para aquelas pessoas, aquelas autoridades, aquele momento histórico. Jesus falou de coisas que tinham a ver com aquele contexto no qual esteve presente. Este é o lado histórico da presença humana de Jesus que de forma nenhuma podemos negar: ele foi o Jesus de Nazaré. Por outro lado, Jesus buscou viver e pregar de maneira a levar uma mensagem que fizesse com que as pessoas se voltassem para a essência da vida, para aquelas coisas que nos fazem estar ligados a Deus na sua profundidade (amor, justiça, fraternidade, consolo, esperança, etc), já que Ele era um com o Pai. Tal experiência possui um paradoxo: por um lado, faz as pessoas voltarem-se para Deus, para a profundidade divina que transcende qualquer contexto histórico; por outro lado, demonstra que esta experiência profunda com Deus só pode ser vivenciada neste mundo, num contexto histórico. É isso que Jesus procurou ensinar. As pessoas precisavam voltar-se para Deus, para a fonte que mata a sede para sempre (Jo 4.14; 6.35; 7.37), mas essa experiência não poderia tirá-las de sua realidade histórica (Jo 17.15); antes, elas deveriam sentir-se ainda mais envolvidas com as realidades às quais pertenciam, com os problemas concretos que

²² Vale citar aqui alguns textos significativos para aprofundarmos a postura política de Jesus, sua ética, diante da sociedade Palestina: YODER, John Howard. *A Política de Jesus*. Estudos Bíblico-Teológicos NT. Sinodal. 1988; SAULNIER, C. & ROLLAND, B. *A Palestina no Tempo de Jesus*. Cadernos Bíblicos 27. Paulinas. S.Paulo. 1986; MORIN, Émile. *Jesus e as Estruturas de seu Tempo*. Paulinas. S.Paulo. 1984; DRANE, John. *Jesus. Sua vida, seu evangelho para o homem de hoje*. Paulinas. S.Paulo. 1982. WENGST, Klaus. *Pax Romana. Pretensão e Realidade*. Paulinas. S.Paulo. 1991; FREYNE, Sean. *A Galiléia, Jesus e os Evangelhos – Enfoques literários e investigações históricas*. Loyola. S.Paulo. 1996; HORSLEY, R & SILBERMAN, N.A. *A Mensagem e o Reino. Como Jesus e Paulo deram início a uma revolução e transformaram o Mundo Antigo*. Loyola. S.Paulo. 2000.

envolviam suas vidas e a vida de seus semelhantes; somente assim poderiam ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-16). Ou seja: “O Messias não salva indivíduos tirando-os fora da existência histórica; ele deve transformar a existência histórica. O indivíduo entra numa nova realidade que abrange a sociedade e a natureza...”²³; portanto, “não exige o sacrifício do ser finito; em vez disso, ele plenifica todo o ser finito, conquistando sua alienação”²⁴.

3.2. A Palavra de Deus: do contexto histórico de Jesus para o contexto histórico das primeiras comunidades cristãs

Esta possibilidade de vivenciar a essência da vida proporcionada pelo Deus transcendente num contexto histórico é que permitiu afirmar que Jesus é a Palavra de Deus que se encarnou: a Palavra que estava com Deus, que era Deus, mas que também se fez humano; o Deus transcendente se fez presente na história. Mas, não é só isso; esse aspecto permitiu aos primeiros cristãos captar a essência da pregação de Jesus e transmiti-la em outros contextos históricos. Embora a pregação de Jesus fosse dirigida para o seu momento, o início do primeiro século na Palestina, ela tocava nos pontos essenciais da vida, pontos esses que toda pessoa e toda sociedade vivencia (preocupação com a vida plena, com a justiça, com a paz, com a solidariedade, com a fé em Deus, etc), mas com outros ingredientes históricos. É aqui que a Palavra de Deus encarnada, partindo do processo da tradição oral, ou seja, sendo transmitida oralmente, torna-se Palavra escrita. As primeiras comunidades cristãs vão absorver a mensagem de Jesus, sua vida, e reinterpretá-las para seus problemas particulares. Isso se dá com os quatro evangelhos, que enfatizarão, cada um, aqueles aspectos da pregação e vida de Jesus que mais tinham a ver com os problemas particulares de suas comunidades; escrevem sobre Jesus, mas cada um de maneira diferente²⁵; os evangelistas não

visavam escrever uma biografia, mas uma mensagem de fé, de esperança, de luta que atingisse suas comunidades e cada uma em seu particular. O mesmo vai ocorrer nas cartas paulinas. Elas vão ser escritas a partir dos problemas e dúvidas das diversas comunidades (1Co 1.10-12; 6.14; 7.1; Ef 1.15; Fl 3.19; 2 Ts 2.1-2) e cada comunidade de Paulo era diferente das outras; assim, as cartas tocarão em temas concretos e às vezes bem distintos, como sobre o consumo de carne entre os Coríntios (1Co 8) ou a utilização do véu para as mulheres (1Co 11), o problema com as autoridades em Romanos (Rm 13) e o conflito entre judeus e gregos em Gálatas, e outros diferentes temas nas epístolas do cativo e nas pastorais. Os outros livros do Novo Testamento fazem o mesmo. Isso é que permite ao autor de Hebreus²⁶ referir-se a Jesus como o sumo-sacerdote (Hb 2.17; 3.1; 4.14; 5.10), ou a Tiago salientar a importância das obras para aqueles que acolhem com mansidão a palavra que fora proclamada entre os membros de sua comunidade (Tg 1.21-22), numa aparente contradição com textos paulinos que salientam mais a fé e a graça de Deus na vida do cristão e da cristã. Ora, só compreende o conteúdo central destas cartas, sua mensagem essencial, aquele que percebe que por detrás delas há comunidades com problemas distintos que pedem dos seus líderes respostas concretas e específicas. Contudo, em todas essas cartas a vida e a pregação de Cristo são o referencial. Isto é, as primeiras comunidades cristãs e os autores dos livros neotestamentários vão interpretar a pregação de Jesus sobre a essência da vida para cada comunidade em particular, pois elas possuem contextos diferentes daquele vivenciado por Jesus Cristo. É neste sentido que as cartas paulinas primeiramente e depois as outras cartas, os evangelhos e o Apocalipse vão aos poucos adquirindo o *status* de Palavra de Deus, já que proclamavam a essência do Evangelho de Jesus Cristo, a Palavra de Deus encarnada, sem, contudo, deixar de falar do sofrimento concreto na vida das pessoas de suas comunidades, sem deixar de tocar nos pontos essenciais da vida neste mundo: a justiça, a fraterni-

²³ TILLICH, P. Op. cit., p. 312.

²⁴ Idem.

²⁵ Alguma bibliografia pode nos auxiliar a compreender estas diferenças presentes junto aos Evangelhos: VÁRIOS. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Paulinas, S.Paulo, 1986.

²⁶ Embora Hebreus esteja incluído na tradição paulina, há quase uma unanimidade em afirmar que o autor de Hebreus não foi Paulo.

dade, o respeito, a ética, etc; os livros do Novo Testamento são reinterpretações da Palavra de Deus encarnada para outros contextos históricos; por isso podem também ser consideradas Palavra de Deus: conseguem transmitir em palavras humanas, para situações históricas distintas, a essência da vida proclamada por Jesus Cristo.

Os textos neotestamentários só se tornaram parte do cânon sagrado por terem adquirido o respeito junto às comunidades cristãs, e só adquiriram este respeito por estarem falando de coisas, temas, problemas relacionados às comunidades, muitos dos quais não foram diretamente tocados pela pregação de Jesus, já que não eram questões de sua época.

Estas informações nos mostram que quando os textos do Novo Testamento foram escritos, seus autores, além de utilizarem como referência a experiência passada do povo de Deus expressa no Antigo Testamento, estavam atentos tanto para a manifestação de Deus que transcende qualquer realidade histórica, como também para as situações históricas concretas das comunidades para as quais enviaram seus textos. É neste sentido que o estudo exegético, a investigação científica moderna, que utiliza os métodos a partir da história, da linguagem, da economia, etc são importantes para aqueles que pretendem aprofundar seus conhecimentos bíblicos. Esses métodos nos aproximam dos diversos contextos da época, seja de Jesus ou das comunidades dos evangelistas ou de Paulo. Por meio deles podemos captar melhor o que exatamente significou uma determinada pregação, como influenciou o pensamento da época, de que maneira ela foi uma espada penetrante, de que maneira a Palavra se fez viva naquele contexto. Desta forma, não devemos evitar a utilização dos métodos exegéticos; muito pelo contrário, eles são fundamentais, o que precisamos é estar com o olhar atento também para duas outras direções: para a situação de nosso povo hoje, perguntando de que maneira aquela mensagem pode ser viva ainda hoje, e atentos para a ação de Deus, abrindo-nos para as novidades que Ele nos coloca,

para sua inspiração no ato da interpretação bíblica. Desta forma, colocamos os métodos a serviço da graça divina.

Conclusão

Estudando o tema proposto para este texto pudemos perceber a riqueza que ele nos traz. A Palavra de Deus é assunto belíssimo que nos inspira profundamente. Certamente poderíamos considerar diversos outros aspectos não abordados aqui, mas isto compete a cada um de nós: estudarmos com atenção e vivermos com profundidade a riqueza da manifestação de Deus entre nós. Todavia, penso que fica para nossa meditação, a partir do texto acima apresentado, a seguinte proposta: é no encontro da manifestação divina expressa na Bíblia, na tradição e na experiência pessoal, da presença divina entre nós e da sensibilidade para a situação de sofrimento e dor das pessoas com as quais vivemos hoje que devemos encontrar as respostas para os questionamentos relacionados à nossa postura no mundo. A Palavra de Deus traz esses elementos, cabe a nós assumi-los com responsabilidade e amor, de maneira a nos sentirmos inspirados na proclamação do Reino.